

VERGÍLIO FERREIRA

— Problemática antropológica e atitude ética *

Toda a obra de Vergílio Ferreira representa, para mim, duas significativas referências: uma afirmação e um estilo. A afirmação, exigente e firme, reclama a vitória sobre o desespero que percorre a condição humana; o estilo deixa entrever uma plenitude de expressão, uma vibração humana indissociável de uma clareza da inteligência, susceptíveis de reconhecer na sua criação intelectual, o sinal de evidente genialidade.

Num tempo de certos paradoxos e de grandes demissões, face a uma conjuntura onde a busca de atitudes éticas aparece como exigência, embora sempre a braços com a sua intrínseca problematicidade, revisitar a lucidez e o esforço teórico de um pensador preocupado com a realidade humana, a um tempo, inquietante e trágica, mas também vocacionada à perfeição e à felicidade — eis uma atractiva tarefa para quem encontrou na sua obra, um pensar acerca da vida capaz de possibilitar um argumento em prol de uma concepção da Filosofia entendida como sabedoria para a existência.

Com efeito, não pretendo abarcar os diversos aspectos do seu pensamento; apenas me interesso, neste momento, pelo que há de essencial na sua dimensão ética, faceta que não sendo a

* Comunicação apresentada ao "Colóquio Interdisciplinar de homenagem a Vergílio Ferreira", Porto, 1993.

única é, de facto, um abstracto permanente da sua obra em estreita conexão com alguns pressupostos como, por exemplo, o valor absoluto da pessoa e a sua dignidade, a recusa de um cepticismo moral, a abertura, em última instância, a uma certa esperança que, todavia, não elimina uma grande inquietação face à solidão fundamental dos seres humanos, esses "cadáveres adiados que procriam" (1) segundo a amarga mas decisiva palavra de Fernando Pessoa.

A este propósito, importa destacar de entre o vasto e variado elenco das suas obras aquelas que, não apenas me são predilectas, mas sobretudo porque nelas se recolhem as perspectivas antropológicas essenciais — não obstante, o mérito das demais, entendo que "Alegria Breve" e "Para Sempre", assim como "Carta ao Futuro" e muito principalmente "Invocação ao meu corpo" a par com "Pensar", são aquelas onde se situa a chave da sua apaixonada reflexão em torno do irrevogável confronto do ser humano com os seus horizontes e os seus limites.

Pondo de parte uma velha querela que estabelece distâncias entre Filosofia e Literatura, até porque pensamos que do seu encontro feliz provém, não raro, um caminho mais amplo para o conhecimento da realidade, mormente a humana e considerando, também, que não deverá nunca existir uma espécie de muralha da China entre a reflexão filosófica e a experiência vivida, o autor de "Nítido Nulo", admiravelmente lúcido na análise das supremas interrogações, é um decisivo exemplo daquela simbiose, construindo, sob o signo estético, um sistema de ideias acerca das dimensões do humano onde a solidão existencial, espartilhada entre as contingências e a finitude, não anulou o fascínio pelo mistério e a vontade radical de dominar, nos limites do possível, o destino patético da aventura humana.

É que, apesar de um certo pendor niilista, Vergílio, não encontrando significação para o drama da existência, não desiste da busca de um sentido orientador do itinerário para um viver desiludido e precário, mas que lhe aparece como "uma razão

(1) Pessoa, Fernando, "Mensagem", Lisboa, Ática, 1967, p. 42.

bastante para o homem encontrar o seu lugar no mundo e a inquietação que nos domina encontrar o seu repouso na própria maravilha de se estar vivo" (2). Não obstante, o horizonte da existência se envolver na bruma, na obscuridade e, por consequência, no tumulto da irracionalidade, é preciso entender que o encontro com a vida, não sendo necessariamente o despertar de uma esperança é, porém, a única coisa que resta em face do desconhecido.

Ora, é esta fidelidade à existência, às vezes expressa em melancolia, outras traduzindo uma vontade jovial de viver que subsiste ao longo da sua obra e que, afinal, significa a resposta humana à afronta do silêncio insondável. Esta é a base sobre a qual Vergílio edificou a sua reflexão aberta a um humanismo ético, "integral" como lhe chama, marcado, segundo penso, por alguns traços de estoicismo que, não obstante, lhe não retira a energia intransigente no combate em prol do valor da liberdade, a partir do qual se tornará possível "fundar em dignidade e plenitude a vida do homem" (3).

Na realidade, o pessimismo fundamental com que aborda a condição humana não o conduz tão-só a uma experiência permanente de revolta, ao considerar que "é horrível ser tudo tão misterioso e imenso e aflitivo e ter-se a capacidade de entender sem ser possível entender. É insultuoso instalarem-nos no centro do inteligível e cortarem-nos a vida antes de ser inteligível" (4), leva, também a uma "aceitação" (5) ou resignação fundamental que "é o pouco que é o tudo que nos sobra" (6), resignação,

(2) Ferreira, Vergílio, "Espaço do Invisível - IV", Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, p. 66.

(3) Idem, "Um escritor apresenta-se", Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981, p. 207.

(4) Idem, "Pensar", Lisboa, Bertrand Editora, 1992, p. 312.

(5) Idem, "Para Sempre", Lisboa, Bertrand Editora, 1983, p. 304.

(6) Idem, "Invocação ao meu corpo", Lisboa, Bertrand Editora, 1978, p. 35.

porém, que não é sinónimo de submissão passiva ou desistência, antes significa serenidade profunda perante a ausência de justificação da vida e do destino humano, mas é, também, e não menos vivamente, coragem que se torna inventividade para enfrentar com autenticidade as antinomias e as grandezas da existência.

Sob este duplo signo se nos afigura evidente a dimensão de algum estoicismo que o seu pensar encerra e que procurarei analisar mais detalhadamente.

Deste modo, importa sublinhar que se o ideal ético dos estóicos se resumir à ausência de paixão, à 'apatheia' e que, em última instância, conduz a uma postura ética que se baseia na indiferença face às adversidades, justamente, aquilo que Nietzsche chamará de 'transfiguração moral da escravidão' e nisto consistir a liberdade, se assim for, então, somente em parte se identificará com o pensamento de Vergílio, mas se relevarmos o convite estóico para que o homem se conforme com a natureza, não sofrendo, assim, a força das paixões, aquela resignação não surgirá como tristeza, mas sim como força que se alcança, por um lado, em não se deixar perturbar por nada (ataraxia) e por outro, mediante uma altíssima consciência da dignidade humana. No ideal ético estóico toda a revolta é inútil como inútil aparece toda a esperança: a felicidade encontrar-se-á no fluir harmonioso da vida, pretendendo-se assim o triunfo sobre o desespero. Talvez. Contudo, será possível, de facto, apaziguar a inquietação frente às questões-limite? Talvez não.

A este respeito, convirá aludir à distinção que, de há muito até hoje, Vergílio estabelece entre aquilo que é "urgente" e o que é "importante" — vectores essenciais da vida humana, traduz-se o primeiro no conjunto de preocupações em torno da realização da justiça social e económica, esclarece-se o segundo na permanente tentativa em encontrar resposta para as interrogações fundamentais, "apelo à reconciliação com a nossa condição humana" (?). Estas preocupações dominantes no seu itinerário de

(?) Idem, "Um escritor apresenta-se", Lisboa, IN-CM, 1981, p. 152.

escritor de ideias, isto é, de filósofo caracterizam uma atitude ética norteada pela adesão absoluta ao valor da singularidade humana entrevista como o único fundamento dos seus valores e, assim, se reconhecendo como incontornável liberdade nos limites da sua situação, assumida inexoravelmente como absurda já que, como escreve em "Carta ao Futuro", "se o absurdo é a face desses limites, assumamo-lo como quem não rejeita nada do que é ainda nós próprios" (8). Tratar-se-á, assim, de procurar interminavelmente neste "reino incerto da sombra" (9), uma orientação para a existência que terá de emergir daquela liberdade criativa, embora gratuita, mas que determinará as opções éticas fundamentais, a partir das quais se organiza o universo da moralidade.

Em sintonia com Sartre, mas ainda mais com Malraux e sem dúvida com Camus, Vergílio propõe um humanismo em que o ser humano sabendo-se 'órfão no cosmos' se configura como um "valor axiomático" (10) donde irromperá decisivamente aquele "horizonte visível de futuro que é o do equilíbrio do homem reduzido aos seus limites" (11).

Esta busca de equilíbrio que, com grande nitidez, ao longo das páginas de "Para Sempre" se explicita em expressões como, por exemplo:

— "Sê calmo e forte como a verdade da vida" (12);

— "Sê homem até onde for necessário estares" (...) "E sê contente do teu nada. Sim. Mas estou só" (13);

(8) Idem, "Carta ao Futuro", Lisboa, Portugália Editora, 1966, p. 68.

(9) Idem, "Invocação ao meu corpo", Lisboa, Bertrand Editora, 1978, p. 20.

(10) Idem, "Espaço do Invisível - III", Lisboa, Editora Arcádia, 1977, p. 30.

(11) Idem, "Conta-Corrente - V", Lisboa, Bertrand Editora, 1987, p. 333.

(12) Idem, "Para Sempre", Lisboa, Livraria Bertrand, 1983, p. 157.

(13) Idem, *ibidem*, p. 244.

— "Sê calmo. Aceita. E a vida inteira se reverá em ti como numa fracção do ser que não estava a mais e realizou em si a perfeição" (14);

por último,

— "O dia acaba devagar. Assume-o e aceita-o. É a palavra final, a da aceitação. Só os loucos e os iludidos a não sabem" (15),

toda esta tónica de gravidade e autenticidade que Vergílio retoma noutros lugares, manifestamente insinua uma lucidez de raiz estóica, resumindo uma 'decisão existencial', como diria Jaspers, que culmina numa reiterada afirmação do valor da vida e do ser humano, esse "absurdo e finito e miserável bocado de carne que lhe deram e que ele é" (16).

É nesta ordem de ideias que adquire sentido a exortação em prol de um "humanismo integral" (17), expressão que nos recorda o personalismo de Jacques Maritain, embora, decerto, não comprometida com a inspiração cristã deste pensador.

É lá, nesse "humanismo integral", radicado na liberdade e na consciência da precaridade da vida humana, que encontramos o limiar de uma emocionada esperança, anunciando que "a morte não deve ter razão contra a vida" (18), que a coragem deve prevalecer como incessante inspiração, como resposta ao desafio

(14) Idem, *ibidem*, p. 297.

(15) Idem, *ibidem*, p. 304.

(16) Idem, "Invocação ao meu corpo", *op. cit.*, p. 133.

(17) Idem, "Carta ao Futuro", *op. cit.*, p. 34 e "Espaço do Invisível - I", Lisboa, Portugália Editora, 1965, pp. 210-212.

(18) Idem, "Aparição", Lisboa, Portugália Editora, 1964, p. 264.

do Tempo, "fixando" no ser humano, o "absoluto de tudo" (19) e, por consequência, como um afã inteiramente livre e inteiramente responsável, orientado por uma plena autonomia da vontade, porque consciente de que, como escreveu Sartre, "não há esperança senão na sua acção" (20). Na afinidade com a ética existencialista, lá encontramos a ideia de que a essência ética do ser humano forjar-se-á através da existência, mediante o exercício de uma liberdade plena.

Com efeito, o pensar de Vergílio coloca-nos diante dos prolegómenos de uma ética antropocêntrica, cujo carácter predominantemente relativista provoca inexorável perplexidade e algumas interrogações que o levam, não a uma renúncia, mas a impasses cujo ponto mais alto reflecte a inviabilidade de uma ética material à escala planetária, já que, como escreveu em "Invocação ao meu corpo", "acreditar num valor é exprimir a pessoa que se é. Toda uma Ética se estabelece aí, na pessoa que somos. O que é difícil não é assim fundamentar uma Ética, porque toda a Ética se fundamenta no que se é (...) o que há de difícil no fundamentar hoje uma Ética é achar um valor que o seja para todos. O que é difícil é universalizar a pessoa que somos cada um" (21).

Dir-se-á que só nos resta permanecer num subjectivismo ético que se aproxima, afinal, daquele individualismo estóico que tão pouco relevo atribuía a uma dimensão social do compromisso ético. Dir-se-ia — pergunto — que estamos diante de um ser humano, afinal, voltado para si mesmo e, no fundo, egocêntrico? Talvez não.

Filósofo da condição humana, Vergílio convida-nos a uma atitude moral que, partindo do reconhecimento da vida como "valor indiscutível" (22) e como "argumento derradeiro, evidência

(19) Idem, "Pensar", op. cit., p. 118.

(20) Sartre, Jean-Paul, "O Existencialismo é um Humanismo", Lisboa, Editorial Presença, s/d, p. 272.

(21) Ferreira, Vergílio, "Invocação ao meu corpo", op. cit., pp. 131-132.

(22) Idem, "Espaço do Invisível - IV", op. cit., p. 126.

primeira, sobre a qual imaginamos ou sonhamos a reconstrução do futuro" (23) e apesar de nenhuma explicação para o 'para quê?', aquela atitude acentua a necessidade de uma reinvenção permanente de uma "liberdade criadora" (24) no seio da insegurança e da inconsistência de cada instante da aventura humana.

Dir-se-á que um "optimismo trágico" (que nos lembra Mounier ao apontá-lo como "o caminho próprio do homem" (25), sem dúvida, paradoxal, mas tão necessário, se ergue acima de uma sempre possível rendição à nulidade, para nos comunicar uma espécie de harmonia e encorajamento até ao fim. Um agir marcado, afinal, pela 'consciência infeliz' de que falou Hegel, um agir de um ser que é prisioneiro da angústia por se saber livre, mas, em última instância, para nada, já que, como pensou Marco Aurélio, "(...) num instante tu não serás mais que cinza, esqueleto, um nome ou nem mesmo um nome. E o nome é só um ruído, um eco!" (26).

Mas será que nada mais resta do que suportar heroicamente o sofrimento, numa conformidade connosco mesmo, aceitando uma liberdade que não passa, afinal, de compreensão desiludida do determinismo natural ou histórico?

Será que nada vence o pânico de nos sabermos, como dizia Unamuno, animais "doentes"? (27).

(23) Idem, *ibidem*.

(24) Idem, "Invocação ao meu corpo", *op. cit.*, p. 344.

(25) Mounier, Emmanuel, "O Personalismo", Lisboa, Liv. Morais Editora, 1960, p. 54.

(26) Aurélio, Marco, "Pensées, V, 33", em "Les Stoiciens", textos escolhidos por Jean Brun, Paris, P. U. F., 1968, p. 156.

(27) Unamuno, Miguel de. "Del sentimiento tragico de la vida en los hombres y los pueblos" em *Obras Completas*, Madrid, Afrodísio Aguado S. A., 1958, tomo XVI, p. 144.

Não duvido que Vergílio responda que sim, mas com a condição de que entre o "vazio" e a "lucidez", cada um "respire o ar limpo" (28) do duro caminho da liberdade, porque, em última análise, é *urgente* e é *importante*, pensar que, como luminosamente escreveu, nesse fulgurante e belíssimo "Alegria Breve" — "Terei de ir à lenha amanhã. Terei de ir à vila (...) Amanhã é um dia novo" (29). Sempre em nome da Terra. Até ao Fim.

Luis de Araújo

(28) Ferreira, Vergílio, "Invocação ao meu corpo", op. cit., p. 26.

(29) Ferreira, Vergílio, "Alegria Breve", Lisboa, Portugália Editora, 1965, p. 276.